

ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA



WILSON PRATEADO

Em seu estúdio, produtor de nomes como Belo, Arlindo Cruz e Exaltasamba avalia sua carreira, baseada em ousadia e inventividade sonora

TESTES EXCLUSIVOS

- Line Array Attack Vertcon L208D
- Mics Audio-Technica AT2020 e AT2021

RETROSYNTH

Quatro instrumentos em um no Logic X

SUMMING MIXERS

A tendência para seu setup de Pro Tools

SISTEMAS DE
SONORIZAÇÃO
PARTE 16
Mais sobre as caixas
do sistema

LUZ&CENA

Matte painting dá vida a caos futurista em *Era Inactiva*, de Eduardo Kurt
Tudo sobre a fotografia do novo videoclipe de Anitta
Configurando o Media Composer: opções que vale a pena conhecer

Direção geral: Lucinda Diniz -

lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira**Consultoria de PA:** Carlos Pedruzzi**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO**

André Paixão, Cristiano Moura, Daniel Raizer, Denio Costa, Enrico De Paoli, Fábio Henriques, Farley Derze, Lucas Ramos e Renato Muñoz.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br

Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br

redacao@musitec.com.br

cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br

Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva

assinatura@musitec.com.br

Distribuição: Eric Brito**Publicidade**

Mônica Moraes

monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora

Música & Tecnologia Ltda,

CGC 86936028/0001-50

Insc. mun. 01644696

Insc. est. 84907529

Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Tel/Fax: (21) 2436-1825

(21) 3435-0521

Banco Bradesco

Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP”

Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores e nem pelo conteúdo dos anúncios veiculados.

Antes da feira chegar

Chega setembro e com ele a sempre tão aguardada Expomusic: evento fundamental para quem vive o som, a tecnologia, para quem gosta de festa, de música, para quem quer rever amigos, trocar cartões, planejar aquisições, se maravilhar com o que até pouco tempo era inimaginável... É como se fosse uma pequena Copa do Mundo para quem é do negócio. Dito isso, então espero que os dias deste mês lhe conduzam gentilmente até o já tão familiar Expo Center Norte, e que lá você e os seus vivam momentos bem legais, que possam fazer o olho brilhar. Ôpa: isso tá parecendo mensagem cafona de cartãozinho de Feliz Ano Novo... Ok: o importante é curtir o evento, seja como ou onde for. Mais importante do que isso, só conferir na sua AM&T o que de mais importante rolou naqueles dias tão diferentes e importantes para a indústria. Fique ligado!

Enquanto a feira não vem, aproveite esta caprichada edição da AM&T que você tem em mãos! Uma bela entrevista feita no QG de Wilson Prateado (um dos caras que revolucionou o samba e o pagode nos últimos tempos ao enxergar o som de um jeito único e ao misturar gêneros que antes não costumavam dialogar), no Rio de Janeiro, virou uma matéria de capa bem especial, que mostra muito da história profissional e de vida desse incansável produtor, músico... Desse criador. Quem é do samba, do pagode, já pode vir chegando. Quem não é, ou acha que não é, chega mais também, porque também vai se amarrar.

Outros dos destaques dessa AM&T 276 são os testes. Quais? Os microfones Audio-Technica AT2020 e AT2021, que integram o combo AT2041SP, e o line array Vertcon L208D, da Attack do Brasil. Nada como testes para a gente saber de antemão o que é legal ou não sem precisar arriscar nosso suado ordenado... Com isso em mente, nossos especialistas se dedicaram, exploraram os alvos de suas análises e voltaram à base com valiosos relatórios que precisavam ser compartilhados. E nada como compartilhar com o povo do áudio através destas páginas, não é? No *Em Casa*, mais sobre patchbays, com destaque para a organização das conexões. No *Notícias do Front*, dentro da série sobre as partes de um sistema de sonorização, as caixas do sistema seguem em pauta. Já no *Desafiando a Lógica*, o RetroSynth é o tema da vez, enquanto os summing mixers são debatidos na seção *Pro Tools*. E ainda tem *Áudio no Brasil, Plug-ins* e mais.

No caderno *Luz & Cena*, dois extremos: uma viagem por trás de uma obra de ficção científica futurista que vai dar o que falar e ainda tudo sobre a fotografia do novo clipe de Anitta, que tem os pés fincados (ou dançantes) num clima oitentista bem legal. Para completar, *Media Composer* e mais um capítulo da série de textos do *Iluminando* sobre personagens históricos da iluminação cênica nacional.

Boa leitura!

Marcio Teixeira



50

Na Contramão do Óbvio

Em seu estúdio, Wilson Prateado, que já produziu nomes do nível de Belo, Arlindo Cruz e Exaltasamba, relê carreira e fala sobre o culto ao diferente
Rodrigo Sabatinelli

- 16** **Teste**
Line Array Vertcon L208D
Conhecendo em detalhes um novo modelo de caixa fabricada pela Attack do Brasil
Denio Costa
- 22** **Teste**
Microfones AT2020 e AT2021
Características e desempenho dos mics Audio-Technica que integram o combo AT2041SP
Fábio Henriques
- 28** **Áudio no Brasil**
Walter Lima: 50 anos dedicados ao áudio
Marcio Teixeira
- 32** **Em Casa**
Patchbays (Parte 2): Organização das conexões
Lucas Ramos

- 36** **Notícias do Front**
As Partes de um Sistema de Sonorização (Parte 16): As caixas do sistema (Parte 2)
Renato Muñoz
- 44** **No Estúdio**
Tem Pandeiro no Jazz: *East*, novo álbum de Túlio Araújo, é baseado em fusão de gêneros e foi gravado em apenas dois dias
Rodrigo Sabatinelli
- 58** **Plug-ins**
Waves PuigTec: Equalização típica de um equalizador atípico
Cristiano Moura
- 62** **Desafiando a Lógica**
RetroSynth: Logic X nos brinda com um novo instrumento – ou serão quatro em um?
André Paixão
- 66** **Pro Tools**
Summing Mixers: A tendência para seu setup de Pro Tools
Daniel Raizer
- 72** **Mixagem**
Otimizando Sua Mixagem (Parte 6): Comprimindo
Fábio Henriques
- 112** **Lugar da Verdade**
O Checklist do Live PA
Enrico De Paoli

seções

editorial 2 notícias de mercado 6
novos produtos 10 índice de anunciantes 111

LUZ & CENA



84

capa

Apocalipse Tecnológico: Matte painting dá vida a caos futurista em projeto de ficção científica
por Rodrigo Sabatinelli



92

clipe

Na Batida de Anitta: Tudo sobre a fotografia do novo vídeo da sensação da música pop nacional
por Rodrigo Sabatinelli



98

iluminando

História dos Profissionais de Iluminação Cênica no Brasil
Quarto capítulo: Jorginho de Carvalho
por Farley Derze



108

media composer

Configurando o Media Composer: Opções que vale a pena conhecer
por Cristiano Moura

PRODUTOS	78
EM FOCO	82

CADERNO

LUZ & CENA

APOCALIPSE TECNOLÓGICO

Matte painting dá vida a caos futurista em projeto de ficção científica *Era Inactiva*

JORGINHO DE CARVALHO

Um mergulho na carreira de um dos maiores profissionais da iluminação cênica brasileira

NA BATIDA DE ANITTA

Tudo sobre a fotografia do novo clipe da sensação da música pop

CONFIGURANDO O MEDIA COMPOSER

Opções que vale a pena conhecer



Farley Derze e Jorginho de Carvalho (Rio, 22 de maio de 2009)

HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Quarto capítulo: Jorginho de Carvalho

Há várias maneiras de se ingressar numa profissão: seguir a profissão do pai ou da mãe; realizar um sonho de criança e fazer a faculdade; fazer um teste vocacional; seguir o conselho dos especialistas que apontam as novas tendências do mercado de trabalho; falar com um monte de gente antes de se decidir; pensar numa profissão que no final ofereça estabilidade e aposentadoria... E poderíamos encher estas páginas com dezenas e dezenas de outras possibilidades. Eu vou citar mais uma: quando a profissão escolhe a gente.

Assim foi com o iluminador carioca Jorginho de Carva-

lho. Ele foi escolhido enquanto jogava uma "pelada" nos fundos de um teatro. É que o menino Jorginho e seus amigos faziam algazarra na hora do "goool". Uma mulher chamada Maria Clara Machado saía pela porta do teatro e vinha algumas vezes pedir para a garotada manear na gritaria, e na maioria das vezes, com jeitinho manso, tentava atrair a atenção delas para vir ao teatro, e até fazer cursos com ela. Foi assim que o futebol brasileiro deixou de ganhar um centroavante para ganhar um camisa dez da iluminação cênica: o craque da luz Jorginho de Carvalho.

Hoje podemos dizer que seu nome entra para a

história como aquele que contribuiu para asfaltar o caminho da regulamentação profissional do iluminador cênico ao propor o termo "iluminador" no documento enviado pelo Sated à Câmara Legislativa Federal, em 1978. Ele me recebeu há alguns anos em sua residência, no Rio de Janeiro. Vamos, antes, porém, voltar no túnel do tempo.

A PRÉ-HISTÓRIA DO PROFISSIONAL DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

Quando o público vai ao teatro ou show de dança ou música, em geral, não conhece as nomenclaturas que são usadas para caracterizar a atribuição dos profissionais que trabalham na execução do espetáculo. Do mesmo modo, muitos não sabem que nomenclatura está na carteira de trabalho da pessoa que atende o público num guichê de hospital ou no caixa do cinema, ou do profissional que manipula uma câmera na TV, e por aí vai. Isso nos dá pistas para saber que nomenclaturas como "analista de sistemas", "datilógrafo", "programador visual", "iluminador", "consultor de RH", "farmacêutico", "psicopedagogo" e "engenheiro florestal", dentre outras, são nomes atribuídos a profissões que em muitos casos são frutos de um período histórico e suas demandas sociais, artísticas, econômicas, tecnológicas e políticas, consolidadas no cotidiano.

A prática teatral é muito antiga. Temos notícias dos gregos da antiguidade com suas tragédias e comédias. As peças eram encenadas à luz do dia e a céu aberto, portanto, iluminadas pelo sol: uma luz geral. Temos notícias dos medievais com encenações religiosas nas igrejas, evento que precisava ser realizado no altar, onde a incidência de luz solar pelos vitrais coloridos era maior: uma luz menos difusa e mais colorida, porém nada comparado ao foco fechado de um fresnel com gelatina âmbar do século 20. Depois dos medievais, os renascentistas dos tempos de Shakespeare tiraram partido da luz dos vitrais e passaram a usar uma garrafa com água colorida. Atrás da garrafa posicionavam uma vela acesa. Atrás da vela, um espelho para refletir a luz que voltava em direção à garrafa de água colorida cuja transparência deixava passar um foco de luz que se abria para colorir uma cena. Durante dois mil anos de teatro, desde os gregos aos renascentistas, a palavra "iluminador" não existia. Hoje ela existe para designar o profissional que cria a luz dos espetáculos.



O Software mais avançado do mundo em construções de cenários virtuais e simulações 3D, interface muito fácil e recursos de prático manejo com início imediato de projetos.

CASES DE SUCESSO NO BRASIL:



- Suporte ao cliente em português
- Não Paga Atualizações, são vitalícias



FORMA DE PAGAMENTO:
À Vista ou em até 10X pelo pag seguro (taxas não inclusas)



ELECTRA LIGHT

WWW.ELECTRALIGHT.COM.BR

Tel: (11) 4426-4544

Iluminando

Mas... vejamos o que aconteceu depois da Renascença. Chegou o "período barroco", de 1600 a 1750, quando ocorreu uma "revolução científica", pois eram os tempos de Newton, Galileu, Descartes, que vai culminar no domínio da óptica e da eletricidade. Sem esses dois parâmetros é difícil imaginar a vida de um moving, por exemplo. Como resultado da revolução científica, o século 19 apresenta ao mundo a lâmpada elétrica (1809), inventada pelo químico inglês Humphry Davy, alimentada pela pilha (1800) do químico italiano Alessandro Volta, e no século 20 se consolidou o profissional designado pelo termo "eletricista".

Nas décadas de 1950 e 1960 o diretor teatral Zieminski, polonês radicado no Brasil, e outros diretores da época precisavam de luz na cena e, por isso, chamava-se de "eletricista" aquele que acendia e apagava a luz. Enquanto não houve luz elétrica nos teatros, os atores exageravam no gestual e na emissão vocal (quase operística), pois era o recurso do corpo e da garganta para dar relevo às cenas diante da luz frágil das chamas acesas (que não podiam ser demais por causa da fumaça). Com a chegada da luz elétrica, acesa pelo "eletricista", os rostos dos atores ficaram mais visíveis e o gestual se tornou menos caricato, menos exagerado e mais natural. Até 1978 era comum se chamar de "eletricista" aquele profissional que, na prática, estava literalmente dando luz ao espetáculo. Jorginho de Carvalho substituiu o nome "eletricista" por "iluminador".

O COMEÇO

Nascido no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, em



Androcles e o leão, 1966.

2 de agosto de 1946, Jorginho nos conta como se tornou iluminador. "Eu morava no Jardim Botânico e o Teatro Tablado ficava na Lagoa. Eu tinha 14 anos e estava jogando bola ali perto do teatro. Com jeitinho, a Maria Clara Machado tentava convencer a garotada a ir ter aula de teatro, aula de tudo: ator, cenário, figurino, improvisação... Eu topei fazer esses cursos e um dia atuei na peça "Um homem da cidade num cavalo azul", em 1961 (se não me engano), mas sentia que não ia bem como ator. Pedi pra sair e ela relutou um pouco, mas aceitou. Eu até fiquei frustrado por não ter conseguido ser ator, mas fiquei envolvido com o teatro e queria fazer alguma coisa, e foi na luz que eu me identifiquei, porque a luz acontecia no palco. Era como se eu pudesse estar em cena. Então eu ficava montando e operando a luz... e assim começou minha carreira de iluminador."

Na época, o equipamento do Teatro Tablado era uma resistência de níquel-cromo que tinha um carvão para ser deslizado e fazer a luz "subir e descer". Era de fabricação italiana. "O eletricista do teatro, que era amigo da Maria Clara, me ensinava a mexer na resistência". Ao ser perguntado sobre a existência da nomenclatura "iluminador cênico", Jorginho nos conta que nos anos 1970 existia a figura do eletricista de teatro. "Não havia iluminação artística. Era somente acender e apagar a luz. Ele fazia manutenção, passava a energia, ligava e desligava refletores.

Depois a gente tentava criar algo mais artístico com o uso das cores. As cores mais usadas eram o azul e o amarelo, para simular noite e dia. A luz não era como hoje, quando podemos explorar mais fatores psicológicos na cena. Para as cores usávamos papel celofane, que era usado para encapar caderno. O problema era o calor do refletor, que queimava o celofane. Com o tempo o pessoal percebeu que era melhor amassar bem antes de botar na frente do refletor, e com o uso ele ia esticando por causa do calor da lâmpada e a gente sabia que estava perto dele queimar."

Com a evolução tecnológica vieram as gelatinas, filtros coloridos de vidro e a maior durabilidade do material. Muitos artefatos (fresnéis, dentre outros) foram doados por companhias estrangeiras quando vinham realizar espetáculos no Brasil nas décadas de 1960 e 70. Com isso, os pioneiros da iluminação cênica no Brasil puderam dar um passo significativo na criação de uma luz mais artística

e menos convencional, restrita a "acender e apagar". Jorginho se sente grato também pelos brasileiros que se dedicaram a fabricar artefatos para a iluminação cênica. "Não existe no Brasil ninguém que não tenha trabalhado com a GCB. Tinha um cara chamado Giancarlo Bertolucci, talvez um dos primeiros a fazer uma iluminação fantástica na área de shows no Brasil. Ele viajava para fazer shows, também, no exterior e a partir do contato que tinha com os equipamentos lá de fora ele teve a ideia de fundar a GCB, sigla do nome dele Giancarlo Bertolucci, e passou a fabricar equipamentos inspirado na tecnologia estrangeira." Jerônimo Cruz, um pioneiro de São Paulo que atuou na GCB, nos informa que "bastava desmontar um equipamento estrangeiro e copiar os circuitos etc., e assim a gente fabricava os refletores".

A REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE ILUMINADOR

Vejam os como Jorginho de Carvalho deu sua contribuição. "Na época em que eu me profissionalizei, isto é, fui viver do teatro, eu estudava de dia e trabalhava no Glauco Gil à noite. Eu fiz um concurso para auxiliar de escritório e fui trabalhar na Secretaria de Educação e Cultura. Fui enquadrado no Teatro Glauco Gil, que era do governo do Rio de Janeiro. Não existia cargos públicos de "iluminação". Então eu tinha que entrar como auxiliar de escritório, mas na prática eu ficava envolvido com a montagem de luz do teatro. Eu considero isso como meu trabalho profissional, e agora vejo como é engraçado dizer que me profissionalizei quando não havia "a profissão" ainda. Só mais tarde, quando eu era o diretor da parte técnica do SATED (Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões), conseguimos enviar à Câmara dos Deputados o projeto de lei que criava a lei da profissão do artista. Eu fui um dos que estavam lá lutando por isso. O presidente do sindicato era o Otávio Augusto. Conseguimos que fosse votado e hoje temos a lei que regulamenta a profissão do artista, inclusive 'o iluminador'".

Em 1975, enquanto diretor do SATED da então Guanabara e responsável pela área técnica do fazer teatral, Jorginho criou as seguintes categorias para o profissional de Iluminação Cênica: electricista cênico (responsável pela montagem de luz); operador de luz (executor do roteiro de iluminação numa mesa

ASSINE ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA DIGITAL

pague apenas
3 X R\$ 24,00
no cartão de crédito

Baixe os aplicativos
para iOS e Android.



Acesse: www.musitec.com.br/assinatura
ou ligue: 21 2436-1825

JM LIGHTING
LONDON FOG

VENDAS 11 2872-6537
11 2983-6357



Liquido de fumaça
SUPER



Liquido de fumaça
ESPECIAL



Liquido de fumaça
MEGA



Liquido de fumaça
STUDIO



Liquido HAZE
Base de água



Liquido HAZE
Base de óleo



Liquido
NEVE artificial



Liquido p/ máquina
de BOLHA



Liquido p/ LIMPEZA
de máquina de fumaça

VISITE NOSSO SITE: WWW.JMLIGHTING.COM.BR
Email: jmlighting@yahoo.com.br



Espetáculo *Nó*, 2005 – Cia. de Dança Débora Colker

de luz) e iluminador (aquele que concebe a iluminação do espetáculo, o “desenho de luz”). Ele nos explica porque pensou no termo “iluminador”. “O iluminador era aquela pessoa que acendia e apagava as lamparinas a óleo, e eu achava tão bonito aquilo... No passado, os homens acendiam os lampiões dos postes, nos lares as pessoas acendiam suas lamparinas... cada pessoa iluminando o seu espaço, e foi o nome ‘iluminador’ que me veio na cabeça.” A lei de número 6.533, de 24 de maio de 1978, foi assinada pelo então Presidente da República General Ernesto Geisel e está disponível no site www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm.

O impacto dessas ações foi benéfico para um enorme contingente de pessoas que atuavam sem amparo e sem remuneração tabelada, sem férias e sem aposentadoria e alcançou não apenas atores ou técnicos envolvidos nas artes cênicas (iluminador, cenógrafo, figurinista etc.), mas beneficiou camarairas, comedor de fogo, homem-bala, equilibrista, maquiadores, fotógrafos, operador de som, figurante, bailarino, dubladores, camareira... eu contei um total de 128 tipos de profissionais contemplados pela lei. Agora, aqueles que se dedicavam à difusão da arte e da cultura brasileira estavam amparados e regulamentados profissionalmente. A lista em ordem alfabética está disponível em www.sindicine.com.br/site/detalhes_lei.asp?id_lei=26055528.

Quando perguntei ao Jorginho se o nome “iluminador” existia nos anos 1960, ele responde que não. “Eu sabia que havia no Brasil um homem chamado Ziembinski, que dirigia seu espetáculo e

fazia uma luz diferenciada. E sabia do Giancarlo, que também fazia uma luz diferente para shows. Mas percebi uma diferença: a luz do Giancarlo tinha a dinâmica de shows de música, enquanto a do Ziembinski tinha uma dinâmica mais psicológica do texto teatral. Havia um conceito de luz ali. E ele trouxe equipamentos para complementar a luz dos espetáculos dele, já que no Brasil não tinha PCs ou fresnéis”.

Localizei no endereço <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ziembinski> o seguinte trecho: “A direção de Ziembinski de *Vestido de Noiva* soube equacionar os vários planos propostos por Nelson Rodrigues, que contrastam entre o imaginário, o sonho e a realidade de forma brilhante, aliada à cenografia de Tomás Santa Rosa, com enorme quantidade de variações de luz - fala-se em 132 diferentes efeitos utilizados na encenação, fato marcante na história do teatro brasileiro da época”.

Jorginho se considera um sortudo, porque era um garoto de 15 anos que gostava de jogar bola e a convivência desde cedo no Teatro Tablado fez com que, segundo ele, “respirasse uma cultura artística”. Anos mais tarde foi trabalhar com o próprio Ziembinski, que lhe convidou para fazer a luz do espetáculo *Check up*, em que Ziembinski dirigia e atuava. E nos ensaios ele dizia “Jorginho, abre um pouco a luz para eu falar essa parte do texto”. Tais experiências moldaram nele a percepção de que a iluminação cênica faz parte da linguagem artística.



Pluft, o fantasminha, 2012 – Prêmio Maria Clara Machado

A CRIAÇÃO DA LUZ

Jorginho considera que sua primeira criação de luz foi para a peça *Androcles e o leão*, no Teatro do Tablado. “Tinha um ator do Tablado que estava se destacando, um outro rapaz se destacava na cenografia... então a Maria Clara pegou uma peça chamada *Androcles e o leão* e deu para o Roberto de Cleto, famoso na época, dirigir... E por causa do meu constante interesse ela me deu a chance de criar a luz. Era uma peça infantil, nos anos 60.”

Ao longo de sua trajetória profissional, Jorginho diz que para se criar a luz é importante “ouvir as expectativas do diretor, assistir aos ensaios e tomar notas. A partir do momento que um diretor me convida para criar a luz, eu me torno cúmplice dele e meu objetivo passa a ser o de iluminar o sonho dele. Se eu quiser iluminar o meu sonho, eu teria que dirigir teatro. Eu acho importante ouvir todo mundo – o cenógrafo, o figurinista etc. Isso é fundamental para o processo de criação. Eu deixo as cores por último, pois quem pede a cor é a cena. É a situação psicológica do espetáculo que grita pela cor. O diretor pode pedir que a luz de uma cena seja toda em lilás. É uma concepção dele, mas se eu percebo que a cena seria uma cor prateada, eu vou lá conversar com ele pois o lilás que está na cabeça dele pode ser aquela cor prateada”.

Essa mesma atitude ele leva para as aulas que ministra na Universidade do Rio de Janeiro e nas oficinas pelo Brasil. Gosta de ouvir as ideias e as expectativas dos alunos para depois agrupá-los de modo a mostrar-lhes que o teatro é uma atividade coletiva, democrática, participativa. “No Brasil, na época em que comecei e durante muitos anos, a gente formava 11 pessoas e estas iam formar outras com oficinas de iluminação. Até hoje não tem

uma faculdade. Ou seja, ou você aprende vendo o outro fazer, ou participa de oficinas, ou é autodidata. Eu conheci o Giani Rato e muitos conceitos de luz eu aprendi com ele, embora ele não escrevesse sobre luz, pois era cenógrafo, mas trabalhando pessoalmente com ele e com outros, Fauzi Arapi, por exemplo. Para se criar uma luz, não basta ter conceito, mas também conhecer os equipamentos. Iluminador é aquele que sabe concretizar os conceitos que idealiza por meio do conhecimento dos equipamentos. Por exemplo, como é que um diretor teatral pode ser considerado diretor se só tiver as ideias e não souber como ensaiar os atores? Eu vejo gente que assina como iluminador mas que não sabe a função de cada equipamento, não sabe manipular... Por isso digo que ideias brilhantes qualquer pessoa pode ter, mas para ser iluminador é preciso ir além das ideias”.

CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA

Em 1985, Jorginho ingressou na Universidade do Rio de Janeiro (Unirio) por meio de um contrato com um ano de duração. Era um “professor colaborador” para ministrar as disciplinas de Iluminação I e II. No ano seguinte, o contrato foi prorrogado a pedido dos alunos. Em 1987, o Reitor Guilherme Figueiredo, com amparo da portaria nº 227 de 1º de julho de 1987, lhe concedeu o “Notório Saber”, um título acadêmico que toma por base a comprovação de larga experiência em determinada área profissional. Assim, foi nomeado Professor Auxiliar Nível 1 da disciplina de Iluminação Cênica – I e II, na Unirio. Em 1994, foi nomeado Professor Auxiliar Nível 4.

No ano seguinte, em razão de uma reforma curricular a ser implantada em 1996, Jorginho propôs a criação de duas novas disciplinas, “Iluminação III” e “Prática de Montagem”; refazer as ementas e os objetivos das quatro disciplinas de



Mundo perfumado, 2004 – Prêmio SATED



Beijo – nos olhos... na alma... na carne..., 1999. Prêmio SATED.

Iluminação; desenvolver novas unidades programáticas para cada disciplina e atualizar a bibliografia para todas as disciplinas de Iluminação.

Em 2007, noutra reforma curricular, criou a disciplina "Concepção de luz". Na ocasião, já tinha sido promovido a Professor Adjunto Nível 1.

SUFOCO

"Graças a Deus, não tive nenhuma situação irreversível. Mas na época do Raul Seixas, ao chegar em Campina Grande, na Paraíba, passamos pelo ginásio onde seria o show, e desci para dar uma olhada na montagem do equipamento. Eu tinha enviado o mapa. Estava tudo bem, uma coisinha ou outra que estava diferente, mas tudo bem... Nessa época eu tinha uma firma de som e luz, e a gente atendia grupos como os Secos & Molhados, entre outros. Mas o show ali naquele ginásio era com o Raul Seixas, naquele momento do 'viva a sociedade alternativa', que atraía multidões. Quando saí do ginásio e fui para o hotel, ouvi o Raul dizendo e repetindo que não ia fazer o show, até hoje não sei o que aconteceu. Eu me lembro do produtor me pedir para eu falar com ele, mas eu disse que não ia falar nada, eu era apenas o iluminador. E naquele burburinho o Raul entrou no carro para retornar a João Pessoa, aí foi o corre-correr, e eu entrei no carro também, os músicos se apressaram... e no caminho a gente passou pelo ginásio e o público já tinha sido avisado que não teria o show.

Vimos o quebra-quebra, uma confusão generalizada. E agora conversando com você eu me lembro de uma situação ainda pior. Foi quando eu tinha virado a noite gravando a luz da Intrépida Trupe, no Teatro Villa-Lobos. No dia seguinte era a estreia, um sábado. Quando eram duas da tarde, com o público já começando a querer entrar, a diretora virou pra mim e disse 'Jorginho, eu queria gravar um negocinho para a entrada do público'. Estava tudo montadinho, tudo certinho, era uma mesa Jands, aí eu falei 'tudo bem'. De volta, ela disse

ela disse 'eu queria baixar um pouquinho a luz'... e aí quando fui atender o pedido dela a mesa travou. Era uma mesa Jands, e quando ela travava, só tinha um jeito: desligar ou resetar. Eu me vi ali num dilema: se resetasse eu perdia tudo, e se não resetasse ela continuava ali travada. Eram duas da tarde e o espetáculo começava às três. Levei alguns minutos para criar coragem e, claro, né: resetei a mesa. Tudo que fiz na madrugada passada eu tentava refazer, e gravei o que deu porque numa certa hora subiu o pano, começou o espetáculo, a luz foi bem até onde tinha conseguido gravar, depois eu improvisei. Eu estreei mal, por culpa de ninguém – não foi culpa dela, nem minha... foi a mesa, né? No domingo, cheguei lá às seis da manhã para gravar toda a luz outra vez, pra tudo ficar certinho no espetáculo da tarde."



À beira do abismo me cresceram asas, 2013/Texto de Maitê Proença

ADMIRAÇÃO E A LUZ INESQUECÍVEL

Ao ser perguntado sobre qual luz feita por outro iluminador ele mais gostou, Jorginho fala da luz dos shows do Queen. "Era uma coisa que sempre me encantou muito. O Freddie Mercury tinha uma pastilha de fotocélula no peito, e os canhões o seguiam... Mas ele era muito louco e às vezes passava atrás de uma caixa de som e aparecia do outro lado, aí os canhões perdiam contato com ele... Ele sumia e aparecia do outro lado, sem luz."

Quando o assunto é a luz que fez e considera inesquecível, cita a do espetáculo Gaivota, encenada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1974, dirigida por Jorge Lavelli, um franco-argentino que já tinha recebido um prêmio de um dos melhores diretores do mundo. Foi sua primeira luz para um diretor estrangeiro.

No ano de 2012, o produtor cultural Miguel Colker teve o apoio da empresa Telem, que forneceu a maior parte dos equipamentos para a ideia que teve de uma exposição chamada "Iluminando o Futuro - 50 anos de Jorginho de Carvalho". Dos anos 1970 aos dias atuais, Jorginho acumulou inúmeros prêmios como iluminador. Em 50 anos de profissão, fez mais de 450 desenhos de iluminação cênica. Atua em todo o Brasil com sua arte, e concilia o tempo com as aulas que ministra desde 1985 como professor de iluminação na Universidade do Rio de Janeiro (Unirio).

"Luz é uma coisa que vem quando a gente nasce. A gente abre os olhos e vê a luz. A iluminação cênica acompanhou o teatro há séculos com a luz do sol, depois o fogo... Faz pouco tempo que temos a luz elétrica, o que deu um impulso para se desenhar a luz de modo mais criativo. O profissional de iluminação cênica tem todo o futuro a seu dispor, todo o futuro do mundo. A tecnologia não para e a juventude também não."

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação (IPOG), diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural, membro do comitê científico do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da UnB. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UnB. E-mail: diretoria@jamilletormann.com.

GOBOS DO BRASIL

Seus Gobos prontos no mesmo dia!



Algumas das melhores marcas do mundo você encontra aqui!



GOBOS DO BRASIL

Rua Chile, 678 - Vila Santa Luzia
São Bernardo do Campo - SP - 09668-100
Tel.: (11) 4368.8291 - ID Nextel: 1*32732
Site: www.gobos.com.br - E-mail: gobos@gobos.com.br